

**“Nossos corpos não são respeitados nem no dia de nossa morte”:  
a circulação de sentidos a partir do caso Marília Mendonça na Folha de S.Paulo**

***“Our bodies are not respected even on our death's day”: the circulation  
of meanings from Marília Mendonça's case published in Folha de S.Paulo***

Martina Belotto MICHAELSEN<sup>1</sup>  
Renata do Nascimento GARCIA<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho observa a circulação de sentidos a partir de artigo de opinião publicado pela Folha de S.Paulo após a morte da cantora Marília Mendonça, no dia 6 de novembro de 2021. Na data, a Folha lançou uma coluna abordando a morte da cantora, em que enfatizou valores de padrão estético. O episódio reverberou midiaticamente, gerando inúmeras construções de sentidos. Para nos auxiliar na compreensão desse episódio em vias de circulação, adotamos vertentes abordadas por Ana Paula da Rosa (2016) e Antonio Fausto Neto (2018), com o intuito de enfatizarmos a complexidade e a circulação como ruptura entre os processos de recepção e de produção. Como metodologia, analisamos o episódio como um caso mediatizado (WESCHENFELDER, 2021).

**Palavras-Chave:** Circulação. Sentidos. Gênero.

### Abstract

This paper observes the circulation of meanings from the opinion article published in Folha de S.Paulo after the death of singer Marília Mendonça, on November 6, 2021. It emphasized values of aesthetic standard. The episode reverberated in the media, generating numerous constructions of meanings. To help us understand this episode in circulation, we adopted aspects addressed by Ana Paula da Rosa (2016) and Antonio Fausto Neto (2018), in order to emphasize the complexity and the rupture between the reception and production processes. As a methodology, we analyzed the episode as a mediatized case (WESCHENFELDER, 2021).

**Key words:** Circulation. Meanings. Gender.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Integrante do Laboratório de Circulação, Imagem e Mídia (Lacim).  
E-mail: belottomartina@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Integrante do Laboratório de Circulação, Imagem e Mídia (Lacim).  
E-mail: renatadogarcia@gmail.com

## Introdução

Reconhecido como um gênero musical majoritariamente masculino, o sertanejo tem suas raízes estabelecidas no modelo de uma realidade rural. Com o passar do tempo, percebemos que a música sertaneja se estabelece por meio de uma cultura hegemônica e machista. Atualmente, se analisarmos a playlist do gênero sertanejo, no streaming Spotify<sup>3</sup>, entre as 200 músicas mais tocadas no Brasil, somente 20 canções são interpretadas por mulheres. Dentre elas, o nome que mais desponta é o de Marília Mendonça, cantora sertaneja que faleceu em 2021, em um trágico acidente aéreo.

Marília foi uma artista que despontou no segmento, contabilizando mais de 200 músicas lançadas, entre composições, interpretações e participações com outros artistas. Em seus pronunciamentos, músicas e publicações em redes sociais, Marília sempre trouxe discussões sobre liberdade e empoderamento feminino. Em seu último projeto, as Patroas, em conjunto com a dupla Maiara e Maráisa, discutiu sobre violência doméstica.

Mesmo com o sucesso de sua carreira, o corpo e a aparência de Marília Mendonça sempre foram pauta no jornalismo e nas redes sociais. E, mesmo no episódio de sua morte, algumas produções midiáticas persistiram em discutir sobre estes aspectos. A partir disso, apresentamos aqui o episódio que desencadeia nosso objeto de observação neste artigo. Trata-se de um artigo de opinião (Figura 1) publicado pela Folha de S. Paulo, no dia 5 de novembro de 2021, dia de sua morte, cujo texto acabou sendo modificado por conta da repercussão negativa.

---

<sup>3</sup> Playlist aponta os maiores hits do sertanejo em 2022, lançada pelo streaming Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/3jRccvEQtlMDgKbnhr85D#:~:text=TOP%2050%20Lan%C3%A7amentos%20sertanejo%202022,e%20Sorocaba%20e%20muito%20mais>. Acesso em 30 ago. 2022.

Figura 1 - Trecho do artigo publicado na Folha de S.Paulo

Nunca foi uma excelente cantora. Seu visual também não era dos mais atraentes para o mercado da música sertaneja, então habituado com pouquíssimas mulheres de sucesso –Paula Fernandes, Cecília (da dupla com Rodolfo), Roberta Miranda, Irmãs Galvão, Inhana (da dupla com Cascatinha).

Marília Mendonça era gordinha e brigava com a balança. Mais recentemente, durante a quarentena, vinha fazendo um regime radical que tinha surpreendido a muitos. Ela se tornava também bela para o mercado. Mas definitivamente não foi isso que o Brasil viu nela.

Fonte: Folha de S.Paulo (2021)

Nossa proposta é observar os sentidos que circulam a partir da repercussão midiática deste material publicado pela Folha de S.Paulo. Nos dedicamos a observar reportagens de diferentes veículos produzidas a partir deste caso, bem como discussões publicadas na rede social Twitter. No Twitter, olhamos ainda para os comentários gerados na publicação do artigo de opinião no perfil oficial da Folha.

Como recorte temporal, filtramos nossas buscas dentro do mês seguinte após a publicação do artigo de opinião, utilizando como palavras-chave o nome da cantora acrescido de "Folha". Ao todo, selecionamos seis postagens de rede social/comentários e três matérias jornalísticas. Vale salientar que as reportagens selecionadas foram as com maior ranqueamento dentro do buscador Google. No Twitter, priorizamos as com maior engajamento entre os usuários.

Com a seleção dos observáveis da Folha de S.Paulo e do Twitter, nos detemos a investigar a pergunta problema deste artigo: "como são construídos sentidos a partir da circulação do caso Marília Mendonça na Folha de S.Paulo?". Acreditamos, então, que o cruzamento de reportagens e de apropriações de atores sociais suscitam sentidos diversos, interessantes para nossa análise.

Para observação, levamos em consideração dinâmicas comunicacionais características de uma sociedade em vias de midiatização, pensando na existência de gramáticas, lógicas e operações midiatizadas. Dentro desta ambiência em que se desenrolam relações complexas, o conceito de circulação, a partir de Rosa (2016),

também nos oferece perspectivas fundamentais para compreendermos novos processos de comunicação.

Apoiamo-nos, ainda, na metodologia de estudo de caso midiaticizado, que oferece caminhos para incluir diferentes materialidades e temporalidades, a fim de acompanhar o processo de circulação e de construção de sentidos (WESCHENFELDER, 2021).

### **Primeiros apontamentos teóricos**

Este trecho tem a pretensão de apresentar as principais teorias que serão trabalhadas neste artigo. Iniciamos abordando o processo de construção de sentidos, que muito nos interessa nesta pesquisa. Ana Paula da Rosa (2016) nos explica que a produção de sentidos é diretamente conectada ao movimento de circulação. “A circulação não é um lugar, uma vez que não há formas de retenção, nem um espaço físico ou fechado para circular objetos. A circulação consiste exatamente na disputa, no embate pela produção de sentido que se realiza no âmbito dos dispositivos midiáticos” (ROSA, 2016, p. 3). Ou seja, a circulação é condição para o movimento de produção de sentidos, visto que é na circulação que acontecem os embates em busca de atribuição de valor.

Além disso, devemos compreender a circulação como um processo característico da midiaticização. Cabe um adendo que interpretamos a midiaticização como um movimento potencializado pelas tecnologias, mas não limitado a elas, visto que possui cruzamento cultural e diretamente interligado aos processos sociais. Mas aqui não nos interessa discutir a definição do conceito e sim suas implicações no cotidiano comunicacional.

Pensar os processos midiáticos de forma isolada não dá conta da complexidade que a comunicação detém. Outro fator que fica muito forte nesse contexto é o pertencimento e a formação de comunidades dentro de circuitos comunicacionais. Com isso, a pessoa não está isolada, mas possui uma identidade - colocando esse indivíduo em uma situação de coletivos (GOMES, 2017).

Podemos pensar ainda sobre a noção de zonas de contato, trabalhada por Antônio Fausto Neto (2010). Conforme ele, essas zonas de contato passam a ser locais onde essa circulação se complexifica, onde diferentes atores sociais continuam contribuindo, em certa maneira, para o discurso a ser produzido. Ou seja, produtores e receptores estão em uma mesma ambiência.

Neste processo, é necessário analisarmos as falas midiáticas, pois são carregadas de visões e posicionamentos que estão já alocados em uma sociedade em midiatização. “Devemos observar a circulação das falas midiáticas, não é por considerar as mídias como direcionadoras dos padrões de comportamento social, e sim para perceber, nesta circulação, como os setores sociais agem ao acionar este modo interacional” (BRAGA, 2020, p. 252).

Outro aspecto que cabe discussão neste artigo é sobre o processo produtivo do jornalismo. Por mais que ele tenha o objetivo de ser imparcial, é preciso entender a imparcialidade como uma intenção (MOTTA, 2003). Até as matérias caracterizadas como objetivas dentro do jornalismo possuem traços e recortes. “Mesmo as notícias jornalísticas objetivas são agentes construtores de uma realidade discursiva e não mera reprodução como um espelho da realidade na medida em que narram histórias” (MOTTA; COSTA; LIMA, 2004, p. 36).

Marcia Veiga da Silva (2012) também fala sobre como as concepções de gênero estão enraizadas dentro das redações e que, portanto, acabam interferindo nos valores trabalhados pelos textos jornalísticos.

... a reprodução desse padrão normativo apareceu como um dos saberes cotidianos que orientam e se orientam na cultura e fazem parte do acervo dos conhecimentos socialmente construídos e culturalmente legitimados que ajudam a informar os sujeitos (e também os jornalistas) na contemporaneidade, através do (e no) jornalismo (SILVA, 2012, p. 503).

A partir de um olhar sobre a circulação do caso Marília Mendonça, percebemos esses traços de gênero nas narrativas sobre a artista. “Nesse sentido, o jornalismo vem operando enredado às tramas de poder-saber, reproduzindo valores dominantes a partir das lentes de uma racionalidade excludente” (SILVA; MORAES, 2019, p. 12). Essas marcas presentes nas reportagens podem ser identificadas no episódio que aqui vamos analisar, bem como também podemos cruzar com as discussões sobre circulação e produção de sentidos. Para que possamos observar todos esses aspectos, ingressaremos agora nos objetos empíricos.

### Observações a partir do episódio

O artigo de opinião que desencadeia nosso objeto de pesquisa prometia fazer uma biografia sobre a artista. No entanto, logo nas primeiras linhas, o autor Gustavo Alonso cita que a cantora não era atraente e que firmava uma luta contra a balança. De cara, já percebemos que o texto não se preocupa em retratar o trabalho artístico de Marília, reduzindo-a apenas a condições estéticas. Além disso, as palavras utilizadas pelo autor para fazer esses apontamentos são indelicadas, especialmente pelo momento em questão: *"Nunca foi uma excelente cantora. Seu visual também não era dos mais atraentes..."*. Com trechos como esse, o artigo acabou gerando revolta nos leitores, repercutindo nas redes sociais e projetando inúmeros debates.

Os primeiros traços de repercussão midiática aparecem em comentários do artigo de opinião publicado pela Folha de S.Paulo em seu perfil no Twitter (Figura 2), sendo que muitos deles atingiram milhares de curtidas.

Figura 2 - Comentários nas redes sociais repudiaram o colunista



Fonte: Twitter

Na figura acima, nota-se que a pessoa que comenta repudia o conteúdo do artigo, gerando reflexões sobre os próprios valores e modos do fazer jornalístico. Nesta visão, podemos complexificar o papel do jornalismo em narrativas femininas, que ainda é marcado por relativizar o corpo da mulher como um objeto. É necessário pensar sobre violência de gênero em seus mais diferentes níveis, sobre a pauta feminista sem cuidado com fontes e contextualizações. “Todos os dias são centenas de exemplos que demonstram o quanto o jornalismo não vem sendo capaz de complexificar fenômenos sociais inspirados pelo machismo e pelo racismo, bem como pelo heterossexismo e o classismo” (SILVA; MORAES, 2019, p. 12).

Ou seja, mesmo no momento de sua morte, o corpo de Marília retomava como pauta na imprensa. Podemos contextualizar um reflexo da sociedade que aborda estereótipos de magreza, que por sua vez acaba estando sempre presente, mesmo que de forma velada, nas redações. "A sociedade contemporânea, ao valorizar a magreza, transforma a gordura em um símbolo de falência moral, e o gordo, mais do que apresentar um peso socialmente inadequado, passa a carregar um caráter pejorativo" (VASCONCELOS; SUDO; SUDO, 2004, p. 68). Marília esteve em meio às discussões relacionadas ao seu sobrepeso e não escondia os desafios em busca de uma vida equilibrada. Em alguns posicionamentos em suas redes sociais, Marília enfatizava alguns estereótipos desencadeados pela mídia e pelos atores sociais (Figura 3).

Figura 3 - Marília Mendonça apoiava seus comentários por meio de suas redes



Fonte: Twitter

Marília esteve inserida em um contexto misógino e marcado por homens, característicos do gênero sertanejo. Entretanto, conquistou por meio de seus posicionamentos, músicas e composições, um lugar de representatividade e de disputas. Desta forma, podemos trazer a noção de que a artista se colocava como uma celebridade-resistência (SIMÕES; CARNEIRO, 2022). Nessa perspectiva, podemos compreender Marília com um posicionamento que se contrapõe à opressão social, como o feminismo e os direitos da mulher, por exemplo. "Assim, essa relação entre celebridades e contextos sociais nos permite pensar sobre os valores sociais vigentes e, consequentemente, nos diz sobre o momento social em que se estabelece" (SIMÕES; CARNEIRO, 2022, p. 72).

Assim como suas próprias narrativas se afirmavam em engajamento para resistir, seus apoiadores e simpatizantes também demonstraram refletir essa conduta diante do episódio da Folha de S.Paulo (Figura 4), ao passo que a defendem de forma constante diante do ocorrido.

Figura 4 - Atores sociais enfatizavam a resistência empregada por Marília



Fonte: Twitter

O tweet mostra como as lógicas da midiatização engendram diferentes operações (FAUSTO NETO, 2018). Atores sociais utilizam de um protagonismo para produzir sentidos e desdobrar circuitos. Neste caso, há a problematização do artigo de opinião, há a defesa pela artista e há também uma crítica ao que esse acontecimento representa na sociedade brasileira. Ao afirmar “*país atrasado esse*”, a pessoa reflete sobre sentidos machistas e hegemônicos que permeiam todo o fazer social, não apenas o jornalístico.

Estamos então falando de uma dinâmica que se constitui também das apropriações dos atores sociais, que geram novos sentidos. Analisando o pensamento de Vera França (2012), percebemos que a ideia de acontecimento midiatizado gera, principalmente, afetações nos atores sociais. “É importante lembrar que um acontecimento acontece a alguém. Ele não é independente, nem autoexplicativo, não são suas características intrínsecas que fazem o seu destaque, mas o poder que ele tem de afetar um sujeito”

(FRANÇA, 2012, p. 13). Desta forma, os debates gerados nas redes sociais são carregados por marcas do cotidiano e, portanto, atravessam as relações, ultrapassando o limite digital.

Entre as publicações de atores sociais, há outro fator interessante para ser observado, que é a utilização dos próprios trechos que foram escritos no artigo de opinião da Folha de S.Paulo. No exemplo abaixo (Figura 5), podemos identificar que a pessoa coloca entre aspas a mesma parte do texto, a fim de salientar os termos empregados pelo colunista. Isso parece ser uma tentativa de ressaltar a importância da discussão sobre gênero e machismo, visto que esse destaque acaba consolidando midiaticamente a expressão usada pelo jornalismo.

Figura 5 - Atores sociais enfatizavam a resistência empregada por Marília



Fonte: Twitter

Ao mesmo tempo, o tweet acima coloca em circulação sentidos sobre gordofobia, reforçando como o artigo de opinião deixa de valorizar o talento e a trajetória artística para falar sobre estética. A discussão sobre gordofobia também estava presente na postagem anterior, evidenciando que este foi um dos principais sentidos colocados em debate.

Além de narrativas sobre representatividade feminina, existem também, em certa instância, posicionamentos que continuam compactuando com o machismo estrutural, reflexo de uma sociedade estruturada por meio do patriarcado, como no exemplo abaixo (Figura 6). Aqui, também retornamos para o contexto musical onde Marília Mendonça estava inserida - a música sertaneja - como um espaço que dissemina e reproduz machismos.

Figura 6 - Tweet relativiza artigo da Folha de S.Paulo



Fonte: Twitter

Por estar inserida nesse ambiente e ser uma referência feminina dentro da indústria cultural, se torna um aspecto que pode nos ajudar a compreender a repercussão do caso. Marília se tornou um símbolo de representatividade feminina por meio de seus posicionamentos, da cerveja que bebia, das noites que passava na balada, desafiando tudo aquilo que a sociedade desencoraja mulheres a fazer. Essas imagens fixam no imaginário coletivo, gerando representações e firmando laços, gerando valores sociais. "Adotamos, desta forma, a ideia de que as imagens que circulam e, portanto, recebem valor social, são aquelas em que há um componente comportamental e uma motivação para levar adiante os fluxos" (ROSA, 2019, p. 24).

Além disso, é preciso levar em conta que os atores sociais que articulam a circulação, no contexto da midiaticização, possuem singularidades. Ao buscarmos entender o foco de uma circulação discursiva, percebemos no exame deste caso que os discursos disseminados variam conforme os contextos em que os atores estão inseridos. Por mais que a grande maioria dos comentários e das postagens encontradas demonstram indignação em relação ao artigo de opinião, ainda assim sabemos que a construção de sentidos não é linear, o que leva a existência de disputas.

E, dentro deste movimento de motivações e contextos diferentes, identificamos sentidos que variam conforme as referências e sentimentos de cada ator social. Nesse componente comportamental, temos o luto e a comoção mundial envolvendo a morte da cantora (Figura 7).

Figura 7 - Tweet em resposta à Folha de S.Paulo

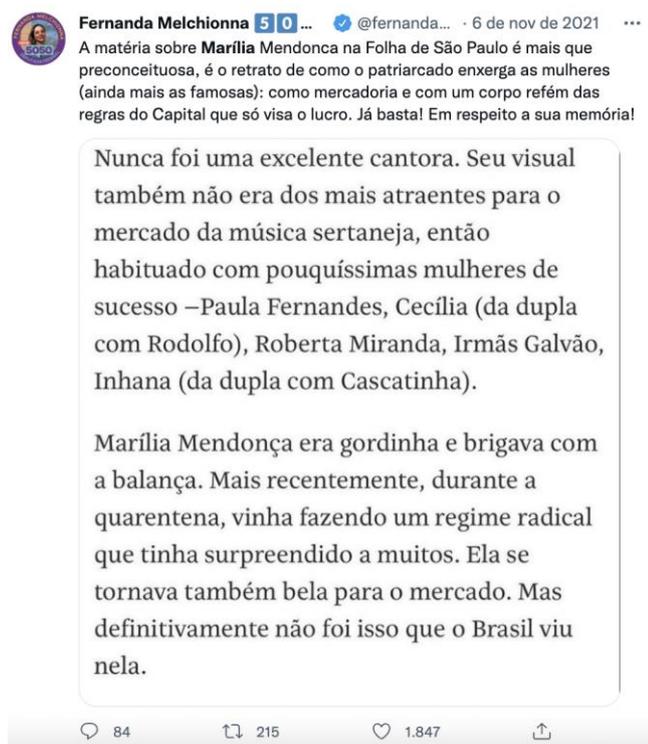


Fonte: Twitter

Neste exemplo acima, há uma tentativa de defesa da imagem de Marília. Desta forma, o ator social em questão não somente se opõe à narrativa construída pela Folha. Ele a repudia, mas também busca criar sentidos diferentes para falar da artista. Como tentativa disso, ele utiliza uma imagem de um grafite de rua feito em homenagem à cantora, no qual ela aparece de forma iluminada, envolta em tons de cor que remetem à alegria e paz, com a presença de seu filho. Há, ainda, a presença do símbolo da aréola para indicar que Marília passa a ser um anjo.

A partir desse exemplo, relembramos que estamos falando de um caso midiático, portanto, compreendemos que ele se constituiu em distintas lógicas. Nesse sentido, o acontecimento vai sendo formado por meio de diferentes lógicas, deixando de lado uma circulação discursiva amparada pela mídia. Um exemplo disso é o cruzamento de outros campos sociais, como a presença política de deputados interagindo e produzindo sobre o episódio, como no exemplo abaixo (Figura 8).

Figura 8 - Tweet da deputada Fernanda Melchionna



Fonte: Twittter

Ou seja, há um deslocamento dos tradicionais fazeres do campo político, que aqui acabam tendo autonomia para interagir com atores sociais sem utilização de mediação do jornalismo, assim como previam as lógicas anteriores. Por se tratar de um acontecimento midiático, a amplitude e repercussão em torno do caso fizeram com que o potencial de compartilhamento e participação dos atores sociais fosse de vasta amplitude. A presença de vozes políticas parece auxiliar e/ou complementar essa repercussão.

Atualmente, o texto da coluna foi editado, especialmente no trecho em que o colunista criticava o corpo da cantora. Agora, ele faz referência ao movimento que Marília Mendonça fazia parte, o "Feminejo". Certamente a decisão de editar o conteúdo se deu por conta dos intensos debates gerados, que permearam não somente as redes sociais e os comentários da Folha de S.Paulo. As intensas discussões acabaram criando um circuito interacional ao redor do episódio, fazendo com que a própria esfera jornalística voltasse a falar sobre o assunto em suas reportagens.

Vale apontar que circuitos interacionais se dão a partir da presença de diferentes elementos e perpassados também por diversos espaços. “Cada circuito compõe diferentes articulações entre o massivo e o digital, engastando ainda, aí, o presencial e a escrita”

(BRAGA, 2012, p. 47). Com isso, neste papel de circulação, podemos indicar a forma com que o jornalismo se coloca em um circuito comunicacional - e a forma com que os atores sociais interagem com esses ativos, percebendo assim mais uma pista sobre um processo de circulação: não linear, proveniente de campos de disputa, aparados por questões políticas, sociais e culturais.

Dentro deste circuito, o jornalismo possui papel desencadeador do episódio, mas sua participação na produção de sentidos não se encerra aí. Após o intenso grau de repercussão nas redes sociais, veículos de comunicação ingressaram novamente no fluxo (Figura 9).

Figura 9 - Reportagem do portal R7 sobre a repercussão do episódio



Fonte: Twitter

Nesta reportagem, o foco do texto está em retratar a indignação gerada nas redes sociais. Na linha de apoio, são trazidos sentidos que já havíamos identificado nas postagens de atores sociais, que falam diretamente sobre machismo e gordofobia. Isso nos mostra uma conexão entre a produção jornalística e as publicações de atores sociais, que acabam reforçando os mesmos aspectos, ressaltando a ideia de um circuito interacional.

A estrutura da matéria conta com a utilização das mesmas citações do artigo de opinião que haviam repercutido nos materiais coletados do Twitter. Isso também vai ao encontro do que propõe Verón (2004), ao dizer que a circulação midiática se estabelece

como um conjunto de textos que se referem a outros. Ou seja, há sempre o uso de referências anteriores, que inclusive facilitam o reconhecimento daquele assunto. Essa parece ser então uma lógica do jornalismo para gerar cliques e engajamento. A própria Folha de S.Paulo voltou a produzir reportagens sobre o acontecimento (Figura 10).

Figura 10 - Reportagem da Folha de S.Paulo sobre a repercussão do episódio

uol INGRESSO.COM UOL HOST PAGBANK PASSAGIUM CURSOS UOL PLAY BATE-PAPO EMAIL

MENU ASSINE **FOLHA DE S.PAULO** ENTRAR BUSCAR

ilustrada > guia folha ilustríssima artes plásticas cinema livros música teatro televisão QUADRINHOS

IBM

Vamos criar algo que mude tudo. Saiba como →

ANÁLISE DESIGUALDADE DE GÊNERO

## Gordofobia não perdoou Marília Mendonça nem no dia de sua morte

Feitos da cantora foram ofuscados por detalhes que nada tiveram a ver com sua ascensão, o seu peso e sua forma física

6.nov.2021 às 20h00

Bianka Vieira

Marília Mendonça tinha só 14 anos quando se sentou à mesa como compositora para negociar uma letra feita por ela aos 12. Sua primeira canção debutou nos rádios aos 15, e aos 22 seu nome já havia sido consagrado como o da artista mais ouvida do país. Mendonça foi mãe, filha, mulher e o rosto do movimento que abriu caminhos para o eu lírico feminino nas afamadas mesas de bar das canções sertanejas.

No dia do acidente aéreo que encerrou sua vida aos 26 anos, ocorrido na sexta-feira, todos os seus feitos de repente se viram ofuscados por um detalhe que nada teve a ver com sua ascensão —o seu peso.

notícias da folha no seu email

relacionadas

Que tal falarmos do nazi do Huck? Com morte de Marília Mendonça, pseudo telegenialismo desce ao esgoto

Banda de Marília Mendonça era a mesma de Cristiano Araújo, morto em 2015

Aviões como o de Marília Mendonça dominam os acidentes fatais na década

Loterias dos EUA disponíveis no Brasil: saiba de onde e como comprar

Entenda como o reconhecimento facial consegue proteger pessoas e seus dados

Fonte: Twitter

Esta nova matéria da Folha de S.Paulo parece ser uma tentativa de redenção pelo conteúdo publicado pelo colunista no artigo de opinião. A repórter ressalta que o artigo anterior desqualificou a artista e a reduziu apenas a padrões estéticos. O texto ressalta, mais uma vez, sentidos relacionados ao machismo e à gordofobia.

Com a linha de apoio *"feitos da cantora foram ofuscados por detalhes que nada tiveram a ver com sua ascensão, o seu peso e sua forma física"*, a reportagem demonstra que a leitura do próprio jornalismo sobre o episódio foi capaz de reconhecer as falhas da publicação. Essa compreensão se assemelha ao que indicam Silva e Moraes (2019). "Ao propor um jornalismo de subjetividade, sugere-se uma subversão dos modos de

objetivação jornalística; uma ruptura epistemológica com as redes de poder e de saber que norteiam as condições sociais de pensamento e as práticas jornalísticas" (SILVA; MORAES, 2019, p. 19).

Esse reconhecimento também é reflexo do movimento de circulação, que acaba modificando o contrato de leitura, que se dá por meio de operações discursivas, pelas quais as mídias contatam o público. Com a midiatização, este processo é reformulado. "Nesse contexto, os jornais são afetados pelo imediatismo e pela lógica interacional das mídias digitais" (BORELLI, 2012, p. 74). Ou seja, há a necessidade de dar respostas, de participar de um fluxo contínuo.

Seguindo a observação de outras reportagens, temos o exemplo abaixo (Figura 11) que trabalha com a utilização da palavra "misoginia" para sinalizar o editorial da matéria. A partir disso, nota-se que o texto produz sentidos a respeito do machismo que envolve o episódio.

Figura 11 - Reportagem da Folha de S.Paulo sobre a repercussão do episódio

The image shows a screenshot of a news article from the website 'Rede Internacional' (part of 'ESQUERDA DIÁRIO.COM.BR'). The article is titled 'Misoginia na mídia | Folha de SP publica coluna misógina sobre Marília Mendonça'. The author is Patricia Galvão, a worker at USP and member of the SINTUSP union. The article is dated Saturday, November 6, 2021. The text discusses Marília Mendonça's success as a singer and how it reflects gender inequality. A quote from the author states: 'Nunca foi uma excelente cantora. Seu visual também não era dos mais atraentes para o mercado da música sertaneja, então habituado com pouquíssimas mulheres de sucesso - Paula Fernandes, Cecília (da dupla com Rodolfo), Roberta Miranda, Irmãs Galvão Inhana (da dupla com Cascatinha). Marília Mendonça era g... e brigava com a balança. Mais recentemente, durante a quarentena, vinha fazendo um regime radical que tinha surpreendido a muitos. Ela se tornava também bela para o mercado. Mas definitivamente não foi isso que o Brasil viu nela.'

Fonte: Twittter

A reportagem acima se posiciona de maneira mais intensa do que as demais, tanto em seu título e linha de apoio, como também no seu desenvolvimento. Um aspecto interessante para se pensar no movimento de produção de sentidos é a forma como a matéria aborda a gordofobia. "Alonso afirma que seu visual não era atraente. Marília não

*era gordinha (o diminutivo trata como um defeito uma questão estética). Ela era gorda, o que não a impediu de marcar sua presença com imponência nos palcos sem esconder o corpo. O famoso cropped que vestiu foi um foda-se, nas suas palavras, aos críticos do seu corpo".* Com isso, o texto aborda a temática de maneira que evidencia o preconceito empregado no próprio uso da palavra gorda no diminutivo. Da mesma forma, fala sobre como mulheres deixam de usar roupas que querem por conta de imposições.

Todos esses aspectos demonstram a diferença de um jornalismo produzido levando em conta a subjetividade. "O corpo, os sentidos e as emoções são instrumentos partícipes das práticas, e, quando percebidos em suas dimensões culturais e cognitivas, podem tornar-se potentes para melhores ações." (SILVA; MORAES, 2019, p. 19).

Dito isso, as apropriações que se desdobraram a partir do artigo da Folha de S.Paulo suscitaram discussões profundas que representam questões latentes da sociedade. Os sentidos que emergem dessas apropriações se assemelham e demonstram a necessidade de reflexão sobre o papel jornalístico.

### **Considerações finais**

Nessa breve análise em torno do caso envolvendo a cantora Marília Mendonça, temos algumas pistas sobre a circulação no campo da Comunicação. Compreendemos que o episódio em questão sintetiza os complexos processos que atravessam uma sociedade mediatizada. Por mais que nossas observações neste artigo se limitem em termos de espaço, é possível visualizar a diversidade de operações colocadas em jogo no processo de circulação.

No caso da cantora Marília Mendonça, percebemos que a circulação produz sentidos não somente a partir do jornalismo, mas implica efeitos nas suas próprias produções. No objeto analisado, percebemos que as interações geradas a partir da circulação fizeram com que a coluna da Folha de S.Paulo fosse editada, além de gerar também outras reportagens no próprio veículo.

Inferimos então que, nessa ambiência, atores sociais criam apropriações, geram tensionamentos, pautam a imprensa e ampliam novas discussões em torno de um acontecimento. Isso tudo leva à configuração do episódio como um circuito interacional, que circula em torno de fluxos. Dentro desse movimento, os principais sentidos que

emergiram foram aqueles relacionados à crítica ao machismo e à gordofobia, que se fazem presentes tanto nas reportagens quanto em produções de atores sociais.

Dentro desse contexto, ampliamos um breve olhar para o jornalismo enquanto potencializador de narrativas machistas, que inviabilizam a mulher e sua potencialidade como profissional - sempre com o grau de comparação ou de descrédito do sucesso. Essa análise pode resultar em inúmeras problemáticas de como a cultura masculina ainda é muito presente em nosso meio comunicacional. Contudo, em um movimento de disputa midiática, causa a reação de protesto dos atores sociais contra a cultura de uma magreza ou de um estereótipo padrão imposto pela sociedade em que estamos inseridos.

Por isso, investigar fenômenos comunicacionais a partir da circulação se torna uma tarefa complexa, carregada de simbologias, aspectos sociais, culturais e econômicos. Passamos a compreender que existe um emaranhado por trás da recepção e da produção. Essa complexidade que nos interessa e nos desperta a novos olhares. São dispositivos técnicos e sociais colocados em embate pela disputa de sentidos.

## Referências

BORELLI, Viviane. Contato entre jornal e leitor muda em função dos dispositivos midiáticos e do processo de midiaticização. **Revista Animus**, Santa Maria, v. 11, p. 73-89, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/5667/3504>. Acesso em 31 ago. 2022.

BRAGA, José Luiz. Redes sociais digitais e sistemas de relações. In: **Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na midiaticização**. Santa Maria: UFSM, 2020. Disponível em: <https://midiaticom.org/files/redessociedadepolis.pdf>. Acesso em: 02 set. 2022.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATOS, Maria Angela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda Aparecida (Org.). **Mediação e Midiaticização: Livro Compós 2012**. Salvador/Brasília: UFBA/COMPÓS, 2012a. p. 31-52. Disponível em: [http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20180205111302.pdf](http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20180205111302.pdf). Acesso em: 10 fev. 2022.

FAUSTO NETO, Antônio. A circulação além das bordas. **Mediatización, sociedad y sentido**, p. 2, 2010. Disponível em: <http://rehip.unr.edu.ar/bitstream/handle/2133/1500/mediatizaci%C3%B3n,%20sociedad%20y%20sentido.pdf?sequence=1#page=3>. Acesso em: 20 ago. 2022.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 8-40, 2018. Disponível em:

<https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/13004>. Acesso em: 15 set. 2021.

FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. **Galáxia**, São Paulo, n. 24, p. 10-21, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/12939>. Acesso em 30 ago. 2022.

GOMES, Pedro Gilberto. Novo modo de ser no mundo. In: GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiatização**: um conceito em evolução. São Leopoldo: UNISINOS, 2017.

MOTTA, Luiz Gonzaga; COSTA, Gustavo Borges; LIMA, Jorge Augusto. Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística. **Intercom**, v. 27, n. 2, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewArticle/1067>. Acesso em: 01 ago. 2021.

MOTTA, Luiz Gonzaga. O jogo entre intencionalidades e reconhecimentos: pragmática jornalística e construção de sentidos. **Comunicação e Espaço Público**, Brasília, ano 6, n. 1/2, p. 7-38, 2003. Disponível em: [http://www.fac.unb.br/site/images/stories/Posgraduacao/Revista/Edicoes/2003\\_revista.pdf](http://www.fac.unb.br/site/images/stories/Posgraduacao/Revista/Edicoes/2003_revista.pdf). Acesso em 07 ago. 2021.

ROSA, Ana Paula da. Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 21-33, 2019. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-58442019000200021&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-58442019000200021&script=sci_arttext). Acesso em: 30 set. 2021.

ROSA, Ana Paula da. **Imagens em Proliferação**: a circulação como espaço de valor. Japaratina: anais do V Colóquio Semiótica das mídias – Centro Internacional de Semiótica e Comunicação, 2016. Disponível em: [http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm5/CSM5\\_AnaPaulaRosa.pdf](http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm5/CSM5_AnaPaulaRosa.pdf). Acesso em: 01 mar. 2021.

SILVA, Marcia Veiga da; MORAES, Fabiana. A OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA TEM RAÇA E TEM GÊNERO: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: **Anais do 28º Encontro Anual da Compós**, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/papers/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero--a-subjetividade-como-estrategia-descolonizadora>. Acesso em: 02 set. 2022.

SILVA, Marcia Veiga da. Gênero: um ingrediente distintivo nas rotinas produtivas do jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 9, n. 2, p. 490-505, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n2p490>. Acesso em: 02 set. 2019.

SIMÕES, Paula Guimarães; CARNEIRO, Dayana Cristina Barboza. Preta Gil: as ações de uma celebridade-resistência no contexto pandêmico brasileiro. **Fronteiras**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 68-81, 2022. Disponível em:

<https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/24952/60749164>. Acesso em 02 set. 2022.

VASCONCELOS, Naumi A. de; SUDO, Iana; SUDO, Nara. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 65-93, 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/271/27140104.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2022.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

WESCHENFELDER, Aline. Estudo de caso midiaticizado: estratégia metodológica em pesquisas no contexto da midiaticização. **Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiaticização e Processos Sociais**, [S.l.], v. 1, n. 4, abr. 2021. ISSN 2675-4290. Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiaticacao-artigos/article/view/1354>. Acesso em: 19 jul. 2021.